



Conferência

MEDIAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Centro de Artes do Espectáculo
de Portalegre

7 de novembro de 2023

www.rtcp.pt

Organização:



Apoio:



RELATOS

10h20

A Selfless Art: Rethinking the relationship between theatres and society

François Matarasso (France/UK)

Relatora: Vera Borges

A Selfless Art: Rethinking the relationship between theatres and society

François Matarasso, França/Reino Unido

François Matarasso participou, via Zoom, na sessão pública que abriu os trabalhos da Terceira Conferência da Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses, promovida pela DGArtes. É um reconhecido observador e fazedor de arte, que acompanha e investiga a arte participativa e aquela que a antecedeu, a arte comunitária. É desta que resulta a sua inspiração, a sua educação e o seu trabalho. Nos últimos anos, tem vindo a desenvolver um quadro conceptual, metodológico, ético - e moral -, de grande relevância, para investigar a arte comunitária. Descreve, analisa e explora as suas forças, oportunidades e potencialidades, mas também os seus limites e ameaças, dilemas estéticos, artísticos e políticos e as inevitáveis tensões nestes contextos. Entre as suas publicações e textos de divulgação do seu trabalho, disponíveis no blogue A Restless Art - <https://arestlessart.com/home-2/francois-matarasso/> -, destaca-se o livro intitulado Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa (2019). Neste livro, o autor apresenta os pressupostos de uma arte ao serviço das pessoas e discute 40 estudos de caso, na Europa, incluindo Portugal. O seu objetivo é chegar a outros públicos e construir espaços de partilha e descoberta cada vez mais democráticos. O livro foi publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian e está disponível em português: <https://cdn.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2021/05/2019-Uma-Arte-Irrequieta.pdf>.

No âmbito desta terceira Conferência da Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses, **François Matarasso** deteve-se em cinco pontos-chave que se procuram resumir.

1. The exhaustion of policy

Ao abordar o sentimento de exaustão com as políticas públicas na cultura remetemos para as suas boas intenções, mas a excessiva retórica em que se enreda. “Todos devem ter acesso à arte” é afinal o lema que nos deve mobilizar. Nesse sentido,

François Matarasso considera como exemplo de boas práticas a serem seguidas: as iniciativas, estratégia e visão do Arts Council England, que se podem consultar no site da instituição: <https://www.artscouncil.org.uk/lets-create/strategy-2020-2030/our-vision>. Com a frase emblemática Arts for Everyone, que representou nesse país um compromisso com as classes trabalhadoras, o orador remeteu-nos para a década de 60 e os princípios e ideais da democratização cultural. Ao longo dos anos, muitos dos objetivos da democratização cultural foram sendo cumpridos. Nesse sentido, **Matarasso** considera que, apesar de não serem paradigmas incompatíveis, a atual alternativa à democratização cultural é a democracia cultural, sintetizada na fórmula, Art by, with and for everyone. Trata-se de uma concepção menos paternalista do que a primeira e que parece mais inclusiva. No entanto, o orador adverte que o público participante pode ser mais controlado. Um exemplo ilustrativo a partir do qual se pode pensar esta questão é o projeto que trabalhava na areia da praia os retratos de soldados mortos. O projeto foi concebido pelo artista profissional e foi feito para as pessoas, contudo, a sua intervenção foi limitada, não lhes tendo sido solicitados contributos. O controlo dos projetos por parte dos profissionais das artes pode ser tão forte que subverte os objetivos gerais e os princípios fundadores das iniciativas de arte participativa. Convém notar que o valor dos projetos participativos não se mede pelo seu efeito - mais ou menos grandioso -, mas sim pelo processo, “a viagem”. É a qualidade dessa viagem que nos mostra que não existem “escalas de criatividade umas melhores do que as outras”, concluiu.

2. A Human Right approach to culture

Uma aproximação à cultura através dos Direitos Humanos defende a participação como um direito que assiste a cada um de nós. **François Matarasso** apresenta um caso ilustrativo. O trabalho desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2022, no projeto PARTIS, que reuniu artistas e não artistas, com o objetivo de inclusão social dos participantes, a par da coesão territorial pela integração social dos indivíduos: <https://gulbenkian.pt/programas/programa-gulbenkian-coesao-e-integracao-social/inovacao-e-investimento-social/partis/>. **Matarasso** sintetizou a ideia de uma forma clara: todos temos o direito de participar na vida cultural das nossas comunidades, nos termos em que cada um o consegue fazer. Este é um pressuposto vital para que todos participem em “pé de igualdade” – mas, acima de tudo, com equidade, reconhecendo as diferenças entre os indivíduos -, defendendo-se as identidades e os valores de cada um. Outro exemplo ilustrativo foi o projeto da Ópera em Barcelona. O orador descreveu o que foram três anos a criar uma história;

cada um a fazê-lo nos seus termos: <https://arestlessart.com/community-art/traction/>.

3. Cultural capabilities

Os indivíduos têm o direito de participar plena e livremente na vida cultural, desenvolvendo os seus potenciais e capacidades, o que é importante para as nossas cidades e comunidades locais. Tal como descrito nas intenções de THE 2020 ROME CHARTER | Carta di Roma (2020romecharter.org) -, o orador considera que é importante reconhecer que há por detrás dos projetos de arte participativa um compromisso central. As instituições culturais, como os teatros ou as galerias, entre outras, em articulação com os municípios locais, têm como missão dar às pessoas os meios para:

To discover | descobrir - mais sobre nós mesmos e aprender mais sobre os outros;

To enjoy | apreciar - apreciamos e distinguimos o que gostamos e não gostamos;

To create | criar - expressamo-nos e fazemos;

To protect | proteger - protegemos a nossa cultura e os seus sentidos;

To share | partilhar - partilhamos porque é assim que fazemos parte da vida cultural.

Estes princípios de missão pública das cidades e de participação nos territórios locais são elencados pela United Cities and Local Governements:

<https://uclg.org/about-us/>.

4. The promise of co-creation

A promessa da cocriação tem sido uma descoberta feita em conjunto, por diferentes parceiros, intervenientes, redes, projetos, nos contextos locais. **François Matarasso** considera que um dos desafios que se coloca é o seguinte: será que nestes projetos participativos estaremos a ser realmente mais democráticos ou estaremos afinal a ser mais autoritários? O caso ilustrativo escolhido é o do projeto da Ópera, feito com a participação de profissionais e não profissionais que, trabalhando em conjunto, mostram um envolvimento semelhante. Faz uma comparação com os atletas, corredores de fundo, cuja exigência e treino é constante, desejem obter prémios ou fazer o seu trabalho diário. Em suma, do que é que depende a cocriação? Para

Matarasso a resposta é clara: depende do respeito que devemos ter uns pelos outros. Cada um de nós tem uma ideia do mundo, mas não podemos impor aos outros a nossa visão. Além disso, devemos ser capazes de testar, discutir e analisar o trabalho que fazemos. E devemos fazê-lo sem receios.

Em seguida, propõe-nos um guia com sete princípios a ter em mente nos projetos de cocriação:

- (i) **Estar conscientes** | Das pessoas, dos contextos e da ação dos projetos.
- (ii) **Igualdade** | Todos os participantes têm o direito de participar e cocriar.
- (iii) **Ambicioso** | Todos merecem o melhor processo. Há uma preocupação com o trabalho artístico, mas também devemos ambicionar alcançar algo do ponto de vista dos valores humanos (*human outcomes*).
- (iv) **Honesto** | Devem ser projetos de confiança, de verdadeira aprendizagem e empoderamento dos participantes.
- (v) **Responsivo** | Os projetos são complexos e há sempre vulnerabilidades e limites: por exemplo, nas equipas, os participantes têm diferentes idades e experiências. Como podem trabalhar em conjunto? Exige-se flexibilidade e a possibilidade de mudar, caso seja necessário, para gerar outras oportunidades.
- (vi) **Ter paciência** | Os projetos demoram tempo, não se fazem num abrir e fechar de olhos, precisamos de confiar uns nos outros, pois os riscos são muitos. Geralmente, no fim, os projetos acabam por exceder as nossas expectativas. Mas, não se deve perder de vista que não se faz tudo o que se tinha pensado.
- (vii) **Dar esperança** | Num tempo de incertezas, não podemos descurar a importância de transmitir esperança aos outros com os quais trabalhamos.

5) A *Selfless Art*

É uma arte autêntica e altruísta, um conceito sobre o qual ainda está a refletir, como afirmou na sua intervenção e no seu site:

<https://arestlessart.com/2023/04/16/what-is-a-selfless-art/>. No entanto, considera que este conceito contém uma dimensão importante capaz de envolver as pessoas

e levá-las a participar. Definir selfless art deverá permitir-nos pensar a arte participativa e os seus projetos e iniciativas para lá das relações de poder entre profissionais e não profissionais. Neste sentido, selfless art apresenta-se como muito mais do que tudo aquilo que o trabalho desenvolvido pelos artistas e pelos participantes consegue criar. Dá relevância às relações humanas e às interdependências que nos unem e que conferem valor aos processos de trabalho e às decisões tomadas em conjunto. Com o caso paradigmático da Sociedade Artística Musical dos Pousos e o testemunho de Paulo Lameiro, o seu Diretor Artístico, **François Matarasso** concluiu a sua intervenção com uma chamada de atenção ao potencial que representa estarmos juntos nesta caminhada. Sermos “nós” e não “eles”.

Por fim, destacam-se duas das perguntas do público:

- (i) Qual tem sido a função de François Matarasso nestes projetos?
- (ii) Até que ponto a arte pode ser importante em termos de saúde mental?

François Matarasso considera que já fez um pouco de tudo e o seu papel acaba sempre por ser plural. Pode ser o produtor, como também pode ser o responsável por perceber o que cada um pode fazer no projeto ou pode ajudar a resolver a ansiedade de cada um e de todos. **Matarasso** acredita que quem trabalha nestes contextos - de uma forma honesta e correta - deve fazê-lo com o respeito genuíno pelos outros e pelas ideias diferentes das nossas, assegurando-se assim contextos de bem-estar, importantes para a saúde mental dos indivíduos, para as cidades e para comunidades onde trabalhamos e vivemos.

11h40

No que pensamos quando associamos participação e programação cultural?

Painel com Manuela Ralha (Município de Vila Franca de Xira), Raquel Ribeiro dos Santos (Culturgest), Teresa Garcia (OS Filhos de Lumière), Zia Soares (Teatro Griot)

Moderação: Clara Antunes (Artemrede)

Relatora: Vera Borges

Clara Antunes é gestora de projetos, na Artemrede, e foi a moderadora desta mesa-redonda (https://www.artemrede.pt/pt_pt/missao-e-identidade/). Depois da intervenção de **François Matarasso**, interpela-nos a pensar o paradigma da democracia cultural como a possibilidade de cada um de nós: (i) tomar parte, (ii) contribuir e (iii) beneficiar.

É importante discutir estas possibilidades do ponto de vista individual, mas é fundamental pensar a participação e a programação cultural como uma relação dialética, que implica impactos mútuos. Os impactos na vida das pessoas, participantes, públicos e outros observadores, como também os impactos no trabalho dos artistas e profissionais das artes que lideram projetos participativos; e, por fim, os impactos nas instituições, nas estruturas culturais, nas cidades e nos territórios e comunidades locais.

Raquel Ribeiro dos Santos é programadora de Participação na Culturgest e desenvolve a sua investigação de doutoramento na FCSH-UNL (<https://www.culturgest.pt/pt/participacao/>). Falou-nos da participação e programação cultural a partir do museu. A sua experiência pessoal, e de trabalho, na Culturgest, serve de mote para uma reflexão que olha para o passado e prossegue até aos dias de hoje, em torno da evolução interna da instituição, da missão das suas equipas e da oferta de uma programação cultural que tem vindo a pensar a participação em três momentos-chave:

- (i) Da construção do Serviço de Educação e Infância da Culturgest até ao fim da mediação educativa (2005-2017);
- (ii) A procura das principais linhas orientadoras para a mediação interpretativa;
- (iii) Por fim, mais recentes, as múltiplas experiências de participação direta através do desenho de uma programação cultural destinada às famílias e

às escolas, promovendo práticas artísticas e sociais cada vez mais inclusivas.

Partindo de referências internacionais, Hannah Arendt ou Susan Sontag, e passando pelo contexto nacional, com referência ao trabalho de Hugo Cruz, **Raquel Ribeiro dos Santos** destaca que vivemos numa sociedade interdisciplinar e intersectorial, e que a forma de trabalhar das instituições e a sua programação cultural e princípios de participação ativa são importantes para agirmos em conjunto e fazermos uma mediação cultural cada mais democrática.

Zia Soares é atriz e diretora do Teatro Griot, em Lisboa (<https://en.teatrogriot.com/>). Descreve a sua experiência pessoal, sublinhando a importância de ser a primeira mulher negra à frente de uma estrutura de teatro, em Portugal. A estrutura tem 14 anos de existência e é constituída por um elenco de mulheres artistas negras, responsáveis pela escolha dos textos e pelas equipas de trabalho. Descreve-nos como foi a sua experiência e as tensões profissionais sentidas enquanto mulher de teatro que não tinha especial vocação para o trabalho com os públicos. Descobriu, entretanto, o trabalho com as comunidades locais e procurou atenuar a tensão que sentia decorrente da necessidade de responder às exigências dos concursos públicos da DGArtes.

Apesar de reconhecer a importância deste tipo de trabalho, **Zia Soares** considera fundamental que exista uma participação forte de uma grande diversidade de artistas, em palco e nas equipas de profissionais, presentes nos teatros, e não tanto uma preocupação em realizar projetos com públicos participantes. Através da participação de diferentes artistas e profissionais da cultura, os objetivos de diversidade e inclusão social poderão ser alcançados.

Teresa Garcia é cineasta e uma das fundadoras da associação cultural Filhos de Lumière. A estrutura nasceu no âmbito da Porto 2001, Capital Europeia da Cultura (<https://osfilhosdelumiere.com/o-projecto/>). Considera que ainda é pouca a programação de cinema na Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses. Na sua atividade com as crianças, no âmbito desta estrutura, **Teresa Garcia** considera que é preciso sair da escola para criar familiaridade com as instituições culturais. Por seu turno, as escolas não têm material técnico e há crianças que participam pouco até nas atividades escolares. Referiu-se ao caso de um grupo de crianças ciganas, com idades compreendidas entre os sete e os quinze anos que não iam à escola e

que sentiram um interesse muito grande pelo filme de Manuel de Oliveira, Aniki Bóbo (1942). Destacou o poder das conversas informais, dos comentários espontâneos sobre os filmes e da possibilidade de cada um fazer o seu filme ou participar numa experiência coletiva de construção de um filme. Sublinhou a relevância da marca deixada por estas experiências colaborativas.

Manuela Ralha é vereadora da Cultura, na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (<https://www.cm-vfxira.pt/municipio/camara-municipal/eleitos/eleitos/executivo/manuela-ralha>). É ativista cultural e considera que, antes de programar ou pensar na participação da população, é importante discutir a acessibilidade de todos:

- (i) Aos conteúdos;
- (ii) Aos espaços;
- (iii) Às informações sobre os espetáculos;
- (iv) À possibilidade de ter espetáculos 3D para pessoas cegas;
- (v) Tendo em conta a deficiência intelectual,
- (vi) A comunicação e divulgação (apropriada) de espetáculos ou eventos culturais.

Na sua intervenção, **Manuela Ralha** refere o papel da Acesso Cultura e de Maria Vlachou no trabalho que tem sido feito junto das instituições culturais para melhorar as condições de oferta de bens culturais e o acesso físico, social e intelectual à participação cultural de todos (<https://acessocultura.org/acesso-participacao-e-democracia-cultural/>; https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2023/06/101_pt.pdf).

Por fim, as intervenientes foram convidadas a fazer uma reflexão final:

Raquel Ribeiro dos Santos lembrou a celebração dos 30 anos da Culturgest, no dia 11 de outubro. Sublinhou a importância das responsabilidades partilhadas nas instituições culturais e descreveu até que ponto pode ser relevante pensar, de uma forma colegial, a programação para diferentes públicos e em função das diferentes perceções do tempo:

- (i) O tempo na sua dimensão cronológica;
- (ii) O tempo de criação como prática programática;
- (iii) O tempo da oportunidade, aquele que se passa em conjunto com os outros.

São três tempos que nos fazem refletir sobre as diferentes possibilidades de envolvimento dos públicos nos projetos participativos. “Uma prática da paciência”, acentua, numa referência a **François Matarasso**.

Zia Soares questiona a inexistência de negros na direção dos teatros portugueses. Considerou ainda que a mediação e a participação são processos paralelos. Terminou com uma referência aos concursos da DGArtes e às dinâmicas solicitadas que são resultado de visões que considera generalistas e que nem sempre se conseguem executar.

Teresa Garcia deu a conhecer e partilhou algumas das singularidades dos seus trabalhos com as escolas no Alentejo, Sintra e Lisboa. Descreveu-nos a experiência de filmar animais. Ensinar os jovens a filmar, sem a pressa com que o fazemos hoje. Se num primeiro momento, os participantes utilizavam o telemóvel, os jovens foram depois convidados a fazer um filme coletivo, envolvendo-se em sequências e momentos de gravação que exigiam afinal a colaboração de todos. No fundo, o resultado mais importante é aquilo que os jovens fazedores descobrem sozinhos ao longo do processo. **Teresa Garcia** mostra-nos, assim, a importância do tempo e da consistência dos processos de trabalho neste tipo de projetos.

Manuela Ralha termina com uma reflexão em torno do papel do decisor e responsável pelo pelouro da cultura nas câmaras municipais. Nas suas palavras, um/a vereador/a não pode programar. São políticos, não são programadores. No seu trabalho como vereadora da cultura, **M. Ralha** persegue três premissas fundamentais:

- (i) Trabalhar com todos, amadores e profissionais;
- (ii) Trabalhar com todos os espaços;
- (iii) Dar as melhores condições de trabalho aos profissionais e financiar as instituições e os projetos, apesar do orçamento para a cultura ser sempre baixo.

Nas suas palavras, “a arte tem de ser democrática, tem de ser para todos”, é importante descentralizar a atividade cultural, proporcionando condições de “equidade territorial”, diversificar a programação oferecida; por fim, não devemos

perder de vista “de onde viemos e para onde vamos”, passar uma parte da nossa visão e experiência pessoal do mundo para a cultura no território local.

15h00 – Apresentação de projetos

Sala 1 - Envolvimento das comunidades nos territórios

Painel com Cátia Terrinca e Rui Salabarda Garrido (**Lungo Drom - A Longa Estrada**), Cláudia Andrade (**Projecto Mnemosyne**), Miguel Maia (**Malacate**), Mariana Mata Passos (**Prescrição Cultural**)

Moderadora: Cláudia Matos (DGARTES)

Relator: Rui Telmo Gomes

Lungo Drom, em romanon, significa A Longa Viagem - é esta ideia que serve de mote para a criação de um Museu Nómada, que reflita sobre a história e cultura das comunidades ciganas em Portugal e, em particular, no Alto Alentejo. A coleção deste museu mostra-se ao público em Junho de 2024, através de 13 objetos criados em residências artísticas em Portalegre, por artistas e comunidades distintos.

<https://www.umcoletivo.pt/umcoletivo>

https://www.facebook.com/silaba.dinamica/?locale=pt_PT

<https://gulbenkian.pt/partisartforchange/projetos-apoiados-2-a-edicao/>

Mnemosyne é um projecto participativo desenvolvido com a comunidade sénior feminina que congrega diferentes objectos artísticos e formativos. Iniciado em 2018 com o espectáculo “Para Vós- um solo coral sobre o lugar onde vivem as memórias”, o projecto tem procurado difundir um activismo afectivo que se alimenta das memórias das “avós” para criar laços, dentro do palco e fora dele. Em 2023, como forma de celebrar as histórias e memórias das 101 participantes que o “Para Vós” juntou nos últimos 5 anos, voltámos aos territórios por onde o projecto passou e reunimos o arquivo afectivo resultante da intervenção artística comunitária desenvolvida. “Para Vós - Celebrar 5 anos de Activismo Afectivo “ foi o nome que demos ao culminar desta viagem, que juntou em palco 29 das 101 “avós”, oriundas de vários pontos de Portugal continental e Açores, e que incluiu também residências artísticas, uma exposição comemorativa, a exibição do documentário e o lançamento do livro que sistematiza os 5 anos de trabalho participativo com a comunidade sénior.

<https://projectomnemosyne.wordpress.com/>

<https://www.facebook.com/projectomnemosyne/>

Malacate é um projeto de intervenção artística multidisciplinar, de programação e criação artísticas contemporâneas e que, com o recurso a artistas e à história da Mina de São Domingos e num continuado processo de mediação com a sua comunidade, se propõe a fazer uma reflexão sobre a memória do lugar e a criar novos olhares sobre o futuro.

<https://www.malacate.pt/>

<https://www.cepatorta.org/>

<https://www.eeagrants.gov.pt/pt/programas/cultura/projetos/projetos/malacate/>

O projeto de **Prescrição Cultural** no Alentejo Central é um projeto-piloto coordenado pela equipa da associação Pó de Vir a Ser e financiado pela CIMAC, no âmbito do Transforma - Programa para uma Cultura Inclusiva do Alentejo Central. Convoca a participação dos agentes de cuidados primários do setor público da saúde, a articulação dos departamentos de ação social e cultural dos municípios, e sistematiza a oferta cultural local enquanto recurso complementar à terapêutica convencional, nomeadamente a farmacológica. Desde 2020, a associação Pó de Vir a Ser desenvolve ações de participação dedicadas a pessoas com experiência de doença mental grave (NÓS - primeira pessoa do plural; UM MURO - apoiado pela DGARTES no âmbito do Programa de apoio em parceria - Arte e Saúde Mental.

<https://www.prescricao-cultural.pt/>

<https://podeviraser.pt/portal/>

<https://www.cimac.pt/transforma/>

Para além da síntese dos projetos apresentados no painel e algumas ligações disponíveis na internet (acima), este relato propõe destacar algumas linhas de reflexão que me parecem comuns entre projetos artísticos e contextos / territórios de intervenção diferentes entre si.

CASOS ÚNICOS & PRÁTICAS PARTILHADAS

Foi sublinhado nas várias apresentações que não há um modelo comum - uma fórmula única - em projetos artísticos que visam a intervenção comunitária, ou processos de construção comunitária de base artística. Cada caso é um caso, as estratégias de mediação e envolvimento da comunidade dependem do contexto, dos interlocutores e dos participantes. Por vezes, os pressupostos do desenho de projeto não se verificam na prática - no caso do Lungo Drom, dificuldades de

relacionamento institucional no contexto escolar levaram mesmo à reorganização do processo de trabalho. Pode parecer um lugar comum, mas o primeiro passo é construir o conhecimento entre quem faz parte do processo. Como referiu Rui Garrido, o papel da mediação é pôr a falar aqueles que são diferentes. Se, por um lado, não existe um modelo único de envolvimento das comunidades, é ponto assente que as regras em cada processo devem ser desde o início claras e transparentes para todos os envolvidos, para que não sejam defraudadas expectativas de quem participa (ou programa) – o que tanto é válido para os processos de trabalho e palavras utilizadas (Cláudia Andrade), como para a duração e momento final dos projetos (Miguel Maia).

O QUE ACABA E O QUE FICA

Os projetos estão em geral condicionados pelo seu financiamento, que determina a sua duração e um conjunto de resultados que se espera aconteçam num determinado período. Independentemente das críticas e reflexões que em cada caso possam existir, há um momento em que chega o final – que deve ser comunicado a todos os participantes de uma forma transparente e tão cedo quanto quanto possível. Embora o painel fosse composto de projetos já concluídos e outros em execução no presente, foi possível reparar em geral numa preocupação de articular atividades que acontecem durante a vigência do projeto (as práticas artísticas, a criação artística, a apresentação ao público, etc.) com instrumentos de reflexão ou elementos de memória do processo, qualquer coisa que fique como testemunho do que do que aconteceu. Foram apresentados vários suportes (consultar as ligações), como documentários, livros, instrumentos de avaliação incorporados no próprio processo de trabalho.

MEMÓRIA – INDIVIDUAL E COLETIVA

Um outro aspecto comum referido pelos vários projetos foi o trabalho sobre a Memória. Quase todos os projetos que foram apresentados neste painel, de uma forma ou de outra, trabalham sobre a Memória: é o caso do museu nómada sobre a história e cultura cigana e o projeto sobre as memórias da comunidade das Minas de São Domingos com os seus 100 anos de história industrial. Estes dois projetos sobre processos de construção da memória coletiva; o projeto Mnemosyne, com um pendor mais intimista e mesmo autobiográfico.

Podemos falar da Memória nestes projetos como património colectivo, através de símbolos que fazem parte de uma cultura comum e que podem dar conta da nossa

pertença ao coletivo, mas também o trabalho sobre o envolvimento individual de cada pessoa que é tocada pelo próprio projeto.

No caso do projeto Prescrição cultural não se trata do trabalho sobre a Memória, mas trata-se também de um trabalho individualizado com participantes (neste caso utentes dos serviços de saúde), cuja dinâmica e impacto previsíveis se pretende que ocorram num território alargado (Alentejo Central), articulando esferas de atuação que nem sempre vemos ligadas – saúde e cultura.

COLABORAÇÕES PROFISSIONAIS E NÃO-PROFISSIONAIS

Contou Miguel Maia que a equipa do projeto Malacate começou por ser apodada de “paraquedista” – é frequente neste tipo de projetos existir alguma classificação mais ou menos espirituosa que distinga os “de dentro” e “de fora” (que pode ser também a diferença entre artistas e não-artistas e entre profissionais e não-profissionais). Não é necessariamente um fecho, pode ser um ponto de entrada como aconteceu nas Minas de São Domingos, tornando essa diferença de lugares numa ferramenta de trabalho de desconstrução e ressignificação das memórias e um meio de negociar as realções entre profissionais e não-profissionais (tema aliás também referido noutras mesas da conferência).

15h00 – Apresentação de projetos

Sala 2 - Programação participada nos equipamentos culturais

Painel com Ana Figueira e Catarina Serrazina (Companhia Instável), Cláudia Hortêncio (Artemrede) e João Proença (CM Sesimbra/Cinetatro Municipal João Mota), Luísa Corte-Real (Teatro Nacional S. João) e Madalena Wallenstein (Fábrica das Artes|CCB)

Moderadora: Vera Lopes (DGARTES)

Relator: Joaquim Paulo Nogueira

Numa pequena nota de abertura de síntese sobre a atividade deste painel, foram apresentados 4 projetos diferentes que de certa forma espelham a diversidade do campinho trilhado no campo das práticas de mediação na cultura e nas artes.

Temos uma estrutura de programação e criação como a Fábrica das Artes e que faz parte de uma Instituição como o Centro Cultural de Belém e que desde sempre tem tido um papel muito desafiador do que podem ou não ser as práticas de mediação artística, temos uma companhia que, como a Companhia Instável, cria projetos e iniciativas onde o envolvimento comunitário é elemento distintivo e identificador da sua prática, temos uma estrutura de programação que adota uma iniciativa dirigida

à criação de desafios aos espetadores e por fim, um serviço educativo de um Teatro Nacional que vem sistematizar e dar uma maior clareza às relações que a Instituição tem com a Escola e com a Comunidade.

Projeto En-Volvimento por Ana Figueira e Catarina Serrazina da Companhia Instável

A Companhia Instável surgiu em 1999, enquanto companhia de dança. No seu trabalho ao longo dos anos procura trabalhar com coreógrafos diferentes valorizando o trabalho com a comunidade e com os seus públicos. Veio apresentar-nos o projeto En-volvimento, desenvolvido em 2023, com a participação de Raul Ramos (Diretor da Assimétrica) especialista no desenvolvimento de públicos. Procuram no seu trabalho um enraizamento teórico, explorando ideias como o Arco da Implicação de Alain Brown ¹ (trabalhar o antes, o durante e o depois da ação realizada com uma matriz que se explana por diferentes níveis de aplicação dos projetos (online/ educacional/participativo e interdisciplinar). O processo integra, nestes diferentes níveis, a criação de um podcast, workshop, a projeção de vídeos e ensaios abertos, a integração de jovens locais na equipa artística, a conversa após o espetáculo, a criação das folhas de sala e até momentos de lazer como por exemplo um porto de honra ou música de um DJ set e foi desenvolvido em diferentes estruturas de acolhimento de espetáculos.

Uma nota importante, a terminar a apresentação: a explanação de algumas dificuldades, nomeadamente do facto de terem um tempo muito curto de presença nas estruturas de acolhimento e da sobrecarga de trabalho dos Serviços Educativos destas estruturas.

Na avaliação do trabalho que desenvolveram junto do público algumas conclusões: a homogeneidade dos públicos (adultos, mulheres e com estudos superiores), o reconhecimento das atividades de mediação e a avaliação da experiência artística.

Projectos Manual do Espectador e Visionários por Cláudia Hortêncio da Artemrede e Projeto Olharápios por, João Proença do CINETEATRO MUNICIPAL João Mota

A Artemrede, circuito de programação e produção que integra 17 municípios trouxe o projeto Visionários que pretende tornar os espetadores em entidades mais ativas e

¹ Alain Brown, «Making sense of audience engagement, 2011 (com Rebecca Ratzkin)

participantes. O projeto foi apresentado Cláudia Hortêncio, gestora de projetos na Artemrede. Os participantes do Projeto Visionários, grupo muito heterógeno quando às idades (18-70 anos), e que não têm ligação profissional, participam através de uma convocatória ou convite aberto. Neste momento há 11 grupos de Visionários a funcionar e estão em criação mais dois. Não é definido nenhum número de participantes (por exemplo em Tomar o grupo tem seis participantes, em Pombal, 23).

A metodologia essa é comum: os grupos são acompanhados por um mediador, assistem a espetáculos, vão discutir orçamentos, ver vídeos apresentados pelos diferentes projetos que se querem candidatar a serem programados, vão estabelecer estratégias. O mediador é importante para que todos possam ser ouvidos e participar. O grupo também tem um papel ativo: conversa com os artistas, apoia na produção e acompanhamento dos espetáculos. A criação de um Manual do Espectador é também uma referência para esta atividade desenvolvida pelo Projeto Visionários.

Na apresentação do Projeto Visionários foi incluída uma das aplicações deste projeto, os “Olharápios” no Cineteatro João Mota em Sesimbra, cuja apresentação esteve a cargo de João Proença, programador deste equipamento e que nos permitiu ter uma visão mais concreta do Projeto Visionários. Os Olharápios são formados por uma convocatória aberta à população, que é renovada anualmente, são todos voluntários, funciona com os que estão não impondo um mínimo de participação e também fazem o acompanhamento dos espetáculos (até frente de casa). Este ano o mês de outubro é resultado das escolhas de programação do grupo.

Projetos Visitações e Clubes de Teatro por Luísa Corte-Real do Serviço Educativo do Teatro Nacional São João

O Teatro Nacional de São João tem desde 2018 um Serviço Educativo, dirigido por Luísa Corte-Real, há mais de trinta anos ligada ao TNSJ, serviço este que veio sistematizar uma prática de tratamento de público e relação com o universo escolar que há muito esta estrutura vinha desenvolvendo em cada espetáculo. A criação de um Serviço Educativo veio permitir criar estratégias mais continuadas de articulação no domínio do teatro-educação, e com a comunidade.

Da atividade desenvolvida, no contexto desta apresentação, foram trazidos dois projetos: o primeiro “Visitações”, teatro na Escola, dirigido a clubes de teatro, a criação de um percurso formativo em torno da criação de um espetáculo e que em

2024 vai abarcar o tema do 25 de abril e dos 50 anos da Revolução. O projeto será coordenado por Cátia Pinheiro e José Nunes (o ano passado foi Vítor Hugo Pontes que coordenou) e terá em cada escola um artista. Ocupará espaços da rua e para 8 vagas tiveram 16 candidaturas. Já na avaliação do projeto, surge o reconhecimento de que, para além de permitir que eles realizem um trabalho artístico, o projeto dá visibilidade aos alunos na própria escola.

O segundo projeto apresentado pelo TNSJ é o da criação, dentro do próprio teatro, de Clubes de Teatro, um dirigido a jovens, o Sub 18 (14 aos 18 anos) e o Sub 88, dirigido a todos. Estes clubes reúnem-se uma vez por semana durante 3 meses, e são uma aproximação ao que está em cena no teatro. Este ano vão trabalhar a partir do “Sonho” de Strindberg”.

Projetos Cultura/Educação e Espectador Emancipado por Madalena Wallenstein da Fábrica das Artes do CCB.

A Fábrica das Artes do CCB, espaço de programação para públicos jovens, gosta de se afirmar como um espaço de programação para todas as infâncias e assume um papel ativo em torno das artes performativas, dos artistas emergentes, e do cruzamento entre diferentes campos do saber.

Na sua programação, que integra instalações ligadas a diferentes áreas das artes performativas e a oficinas, selecionou dois projetos para a sua apresentação.

Um, na área da Cultura/Educação. A partir da programação da Fábrica das Artes é consensualizado um programa com a comunidade, com escolha dos artistas da programação da Fábrica das Artes que podem ir fazer residência nas Escolas.

Estabelece-se uma dinâmica - na qual a Biblioteca da Escola acaba por ser um espaço central - que também integra a formação de professores, tentando trabalhar, por um lado, sobre as práticas artísticas que podem ser trazidas pelos professores para a prática pedagógica, por outro desafiando os professores a serem criadores de currículo.

O Espectador Emancipado ², que em 2024 vai ter como tema o 25 de Abril, propõe a criação de um grupo de jovens que durante o ano vão ser desafiados a criarem o seu próprio projeto de relação com a programação da Fábrica das Artes, podendo ter um contacto muito especial com um conjunto de artistas convidados pela Fábrica das Artes. Estes artistas foram desafiados a realizar sessões de debate, de divulgação,

² Este projeto adota, como mote, o título de uma obra muito conhecida de Jacques Rancière, “o Espectador Emancipado”.

de formação. Entre estes artistas estão, por exemplo Igor Gandra do Teatro do Ferro, que vai explorar o tema do trabalho (“Bora lá Laborar”) e Joana Craveiro do Teatro do Vestido com o seu trabalho sobre a memória (“Mini Museu Vivo das Memórias do Portugal Recente”). São encontros uma vez por mês em que os participantes assumem a regularidade de um encontro e têm acesso, com condições especiais, a diferentes práticas artísticas da programação da Fábrica das Artes.

15h00 – Apresentação de projetos

Sala 3 - Impacto de projetos e festivais nas comunidades

Painel Catarina Sobral (Festival Eufémias), Jéssica Pestana (IndieJúnior), Elisabete Paiva (Materiais Diversos), Alfredo Martins (teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser)

Moderador: Rui Teigão (DGARTES)

Relator: Vera Borges

Rui Teigão, da equipa da DGARTES, abriu este Painel. Procurou-se responder à questão - qual é o impacto dos projetos e festivais desenvolvidos nas comunidades locais? -, com recurso a quatro casos paradigmáticos que servem de referência para outras estruturas, pelo seu reconhecido valor e potencialidades no território. A sessão instigou os presentes e interpelou-nos para conhecer estes e outros projetos que se apresentaram durante a fase de discussão.

Festival Eufémia: “Deixem-me falar”

Catarina Sobral, Pepa Macua (natural da Argentina) e Elsa Childs são atrizes, produtoras, gestoras culturais, investigadoras e pedagogas. Em 2021, criaram o Festival Eufémia, que continuam a produzir, tendo feito o balanço da segunda edição (<https://www.eufemias.pt/>). Catarina Eufémia é um símbolo de resistência, o que justifica a sua escolha para dar o nome a este Festival. As responsáveis também posicionam o projeto nos seus percursos pessoais, de ativismo social e político.

Em geral, a criação do Festival partiu da vontade de “furar muros” nos territórios, trazendo para a programação grupos específicos como as mulheres, imigrantes, artistas, trans, negras, e pessoas com diversidades funcionais. A ideia é levar para o palco a diversidade de identidades dos públicos. A programação do Festival Eufémia assenta em três vertentes principais:

- (i) A formação;
- (ii) Os diálogos e momento de troca de ideias;
- (iii) Os espetáculos de géneros artísticos híbridos; as feiras do livro, as palestras e outros momentos e rituais de interação diversificados.

No balanço da primeira para a segunda edição, as responsáveis consideram ter ampliado as atividades paralelas, como as mostras de fotografia, o trabalho com as comunidades em Marvila e um conjunto de projetos complementares, em particular, as residências artísticas com a população. A escolha deste bairro é ideológica e política. Os espetáculos não falam sobre o centro da cidade, mas sobre as margens. A sua identidade enquanto festival resulta desta ideia de dar voz às margens. É neste sentido que desenvolvem o seu trabalho de curadoria.

“Deixem-me falar” foi um projeto de sucesso. Apontado como: “uma experiência profunda para nós, porque para os outros também foi importante”, porque existiu diálogo e foi transformador. No entanto, no trabalho com a população local já sentiram resistência e chamam a atenção para a importância das pessoas se verem representadas nos projetos participativos.

Indie Júnior: “Há territórios onde é urgente trabalhar”

Jessica Pestana é a responsável pelos projetos de índole participativa, no Indie Júnior. Descreveu-nos a sua experiência pessoal, sublinhando que até aos 18 anos fazia 50 km para ir ao cinema. Por essa razão, consegue compreender o impacto que as ações e iniciativas culturais que respondem às necessidades da população local podem ter na vida dos mais jovens. Em geral, as iniciativas do Indie Júnior privilegiam “o cinema em sala”. Mesmo no caso das iniciativas feitas em colaboração com as escolas, onde se praticam valores simbólicos para pagar a ida ao cinema: <https://indielisboa.com/2022/09/26/indiejunior-escolas-2023-inscricoes-abertas/>.

Do primeiro ciclo ao ensino secundário, o Indie Júnior desenvolve um conjunto de projetos que dão aos mais jovens a possibilidade de escolher o filme. “Eu programo um festival de Cinema” é disso um caso ilustrativo: <https://indielisboa.com/servico-educativo/eu-programo-um-festival-de-cinema/>. Neste projeto, as crianças e os jovens tornam-se programadores das sessões. Foi ainda referida a iniciativa “O meu

primeiro filme” que junta personalidades reconhecidas pelos jovens. Na sessão apresenta-se um filme que marcou a sua vida e faz-se uma conversa informal, refletindo sobre o filme e pensando sobre a vida:

<https://www.indiejunior.com/seccao/o-meu-primeiro-filme-2/>. **Jessica Pestana** deu como exemplo de sucesso a sessão que contou com a participação de um influencer:

Outra iniciativa é o Indie Lisboa – Cineclube. Destina-se aos jovens do ensino secundário e superior e apresenta curtas-metragens escolhidas pelos jovens. O impacto é muito positivo nestas iniciativas como no Play ou na Mostra. Já no cinema para a infância ainda predomina o preconceito dos espectadores.

As parcerias com o Plano Nacional das Artes e, no próximo ano, com o Plano Nacional do Cinema representam oportunidades que ajudarão a ampliar os efeitos das iniciativas com a marca Indie Júnior.

Materiais Diversos: “Podemos conversar sobre o que não percebemos?”

Elisabete Paiva é programadora e apresentou a visão e a missão da Materiais Diversas (<https://2019.materiaisdiversos.com/sobre/>). Fundada em 2009, por Tiago Guedes, esta associação cultural sem fins lucrativos tem como missão o apoio aos criadores, mas também uma aproximação de natureza colaborativa aos seus públicos, no território local. Algumas das suas ações com impacto intrínseco no terreno da cultura são as bolsas e as suas parcerias com outros países europeus. O Festival passou a ser bienal e os programas das residências artísticas ganharam protagonismo. Hoje, trabalham com escolas do 5o e 7o anos, chegando a cerca de 300 crianças e jovens. Dos principais impactos das iniciativas Materiais Diversos, **E. Paiva** destacou a reciprocidade e a obrigatoriedade de reflexão sobre um ecossistema que se regenera em função da nossa capacidade para responder aos desafios – embora seja importante dizer que os processos participativos exigem muito das pessoas que neles trabalham e das suas equipas, uma vez que neles se envolvem de forma autêntica.

Elisabete Paiva considera importante manter viva a visão do projeto, o contexto social e político em que atua. Trata-se de promover encontros de diferentes pessoas, com diferentes idades e vivências. Neste sentido, apresentou como um bom

exemplo ilustrativo o projeto “Podemos conversar sobre o que não percebemos?” Remonta a 2017, altura em que a equipa estava a descentralizar e a democratizar. Hoje, a estrutura preocupa-se mais com “o que é que eles querem programar?”, dando espaço e responsabilidade aos públicos participantes.

O livro comemorativo dos 10 anos do festival intitula-se Paisagens imprevistas. Outros lugares para as Artes performativas, e a sua edição ficou a cargo de Inês Lampreia e Lílina Coutinho. Além da celebração, esta edição comemorativa renova a vocação da estrutura para trabalhar com os seus públicos locais. Por exemplo, no ensaio "Cartografias afectivas: a interacção com o meteorito", de Ana Pais, sublinha-se o momento de renegociação, de debate, com ideias sobre os caminhos a serem seguidos. A ideia é que estes momentos “pode[m] restituir o sentimento de pertença” e a vivência de uma cidadania cultural plena. Em 2023, os parceiros disseram que queriam ver-se no festival. A par disso, a equipa é contratada na região, tem experiência e notoriedade na comunidade local.

Elisabete Paiva sublinha que, na Materiais Diversos e no Festival, faz-se um trabalho coletivo e colaborativo, difícil de aplicar na realidade e nas situações do quotidiano; ao mesmo tempo, desgastante e recompensador. O diretor artístico quer fazer uma rede. O programador quer responder aos compromissos. Os participantes querem escolher. Apesar de ser um trabalho de partilha e de tomada de decisões conjuntas, este é também um trabalho que implica uma aprendizagem constante de si e dos outros, e uma gestão de riscos e incertezas.

Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda quando eu disser: “Os dias do público”

Alfredo Martins é intérprete e cocriador. A equipa do Teatro Meia Volta integra ainda Sara Duarte, Cláudia Gaiolas, Anabela Almeida e Luís Godinho. Esta equipa reparte-se pelas missões da estrutura de produção cultural: a criação, a mediação e o envolvimento de públicos (<https://teatromeiavolta.com/>). Do conjunto de iniciativas e atividades do Teatro Meia Volta, **Alfredo Martins** destacou dois projetos

participativo. O público vai ao Teatro, uma iniciativa desenvolvida desde 2011 que conta

com três edições e a colaboração de três instituições culturais que abrigaram e promoveram o projeto: o Teatro Nacional São João, o Teatro São Luiz e o CAE - Centro das Artes do Espetáculo de Sever do Vouga:

<https://teatromeiavolta.com/o-publico-vai-ao->

[teatro/encontros/encontros-ed-1/](https://teatromeiavolta.com/o-teatro/encontros/encontros-ed-1/) ; <https://teatromeiavolta.com/o->

publico-vai-ao-teatro/encontros/encontros-ed-2/;

<https://teatromeiavolta.com/o-publico-vai-ao-teatro/edicoes/o-publico-vai-ao-teatro-ed-4-segunda-casa/>;

- (ii) Meio Caminho é um projeto de mediação artística, coordenado por **Alfredo Martins**. Resulta de uma encomenda do Teatro do Bairro Alto, em Lisboa, dirigido a escolas de ensino artístico. Pressupõe ver os ensaios e os espetáculos, falar sobre eles, conversar com os artistas e pensar em conjunto. É um tipo de formação de carácter mais informal, dialógico, que complementa o trabalho desenvolvido nas escolas artísticas. Proporciona a observação de processos de criação e experiências de receção, momentos de reflexividade, e de acesso a outros modos de fazer e pensar (<https://teatrodobairroalto.pt/pt/sobre>).

Na opinião de **A. Martins**, os dois projetos dialogam com os objetivos da democratização e da democracia cultural. Por fim, **A. Martins** destacou a metodologia utilizada pelo Teatro Meia Volta, o que pode inspirar outras estruturas e projetos culturais:

- (i) Inclui a “entrada” na programação de outras instituições;
- (ii) O trabalho com segmentos específicos da população;
- (iii) O acompanhamento dos projetos por parte de uma equipa que segue os encontros regulares com os públicos.
- (iv) Fazem-se processos lentos de aproximação aos públicos Às vezes, estes podem parecer pouco expressivos, porque os números não são muito elevados.
- (v) Constroem-se espaços de encontro e de formação que colocam em copresença muitas subjetividades;
- (vi) A mediação que promovem é afetiva e visa criar pertença;
- (vii) Os participantes fazem “Os dias do público”, há uma comissão de público e o grupo programa aquilo que ficou decidido;
- (viii) Regra geral, a equipa promove a discussão em torno do trabalho realizado e faz um encontro de reflexão com outros profissionais, especialistas, observadores, pessoas fora do Teatro Meia Volta;
- (ix) Os resultados são discutidos e publicados. Contam já com dois livros: Encontros sobre políticas da receção e envolvimento/Encontros de Públicos no contexto das artes performativas; e O Público vai ao Teatro/Encontros sobre governança cultural participativa.

Na discussão aberta deste Painel, destacaram-se as participações de **Paula Duque**, diretora do Festival Periferias, que tem hoje 12 anos de existência. Descreveu-nos uma relação de colaboração entre dois contextos territoriais, português e espanhol: no Alto Alentejo, Marvão e Castelo de Vide, e, em Espanha, Cáceres. **Maria Simões** d'O Bolina, Festival Internacional de Palhaças, que reúne profissionais do Brasil, França, Espanha, Itália, Portugal, Canadá e Argentina, destacou as desigualdades territoriais, marcadas pelo litoral e interior, no nosso país.

REFLEXÃO FINAL

A RTCP em ação:

Parcerias colaborativas e fortalecimento de projetos participativos

No mais recente Plano de Trabalho (2023-2026), a UE reconhece a importância de “pensar a cultura para as pessoas” ([Publications Office \(europa.eu\)](#), C 466/2). Sublinha a necessidade de reforçarmos a participação cultural e o papel da cultura nas sociedades. De forma objetiva, somos convidados a pensar como podemos fomentar parcerias co-criativas, com impacto nas relações externas da UE; sem descurar a aposta nas nossas identidades e comunidades, e na cultura como fonte de harmonia com o planeta ([The European Green Deal \(europa.eu\)](#)).

Ao longo desta terceira Conferência da RTCTP, cada um/a dos/as intervenientes e profissionais das artes e da cultura descreveu o seu trabalho nos teatros, instituições, municípios e projetos culturais. A descrição crítica e atenta dos processos de trabalho nas instituições, as suas missões e visões da cultura, permitem-nos reunir aqui um conjunto de estratégias, iniciativas e ações que envolvem a participação das pessoas. A base destas estratégias e iniciativas parece assentar numa variedade de colaborações entre instituições e indivíduos - de diferentes idades, origens, backgrounds sociais, culturais, económicos -, com a possibilidade de cocriar, programar, decidir e intervir, “nos seus termos”, como afirmou **François Matarasso**.

Relataram-se casos paradigmáticos do contexto português que podem inspirar outros casos. Das instituições culturais mais robustas que desenvolvem projetos participativos, como nos mostrou **Raquel Ribeiro dos Santos**, da Culturgest; passando pelas estruturas culturais e festivais com capacidade para responder a territórios singulares, como acontece com a Materiais Diversos, apresentada por **Elizabete Paiva**; as iniciativas localizadas do Indie Júnior, descritas por **Jéssica Pestana**; e os Encontros de públicos, contados pelo **Alfredo Martins**. Podemos ainda pensar nas estruturas de teatro que reorientaram as suas propostas e desenvolvem workshops e residências artísticas, em contextos prisionais para a população mais jovem (**Zia Soares**), ou as estruturas de cinema e as experiências dos filmes realizados pelos jovens (**Teresa Garcia**).

Além do levantamento de iniciativas bem-sucedidas, daqui resulta também o mapeamento de um conjunto de metodologias colaborativas com potencial para os teatros que ganham nova centralidade com a RTCP.

Os projetos participativos começam a disseminar-se territorial e socialmente. Não estão livres de idiosincrasias pessoais e da incapacidade para envolvermos outros segmentos da sociedade ou mesmo outros setores. No entanto, a partilha destas experiências dá-nos a consciência do que vamos encontrar - os obstáculos que se impõem às decisões coletivas - e a necessidade de “furar muros”, para utilizar as palavras de **Catarina Sobral, Pega Macua e Elsa Childs**.

Ao incentivar estes momentos de trabalho, discussão de ideias, projetos e iniciativas, fomentamos estratégias, parcerias e “práticas colaborativas” (Kester, 2011) - locais, regionais, nacionais, europeias - com impacto na vida das pessoas.

Referência bibliográfica:

Kester, G. H. (2011). *The One and the Many: Contemporary Collaborative Art in a Global Context*. Duke University Press.

Vera Borges

Investigadora Integrada CIES - ISCTE.